



FETO 2018 – Leitura de cena

Espectáculo: “EUDEMONIA - Em memória a uma peça nunca encenada”, com o grupo Cooxia Coletivo Teatral, BA

Cassandra Rios, ‘a lua escondida’

Kil Abreu

Cassandra Rios (1932-2002) é até hoje, passados quase vinte anos desde a sua morte, uma das autoras brasileiras mais vendidas em todos os tempos. Em determinada passagem alcançou a marca de mais de um milhão de exemplares comercializados. É um fenômeno best selling, de mercado, mas também um fenômeno de literatura popular. Se considerarmos a informação nada lateral de que seus romances eróticos, a maior parte de conteúdo lésbico, vieram a público durante a ditadura civil-militar, teremos ainda um caso de interesse sociológico. Boa parte de sua obra foi censurada pelas autoridades, mas não só. A escritora foi também, a despeito da enorme popularidade, “separada” pelos colegas de ofício que consideravam nada artística a sua produção.

Os entremeios entre a figura pública, a política, a moral e a condição da mulher, especialmente da mulher lésbica, são os temas de trabalho do Cooxia Coletivo Teatral, de Salvador. A montagem é projeto de Letícia Bianchi nascido no contexto do curso de direção da UFBA.

O que primeiro chama a atenção é a eleição de Cassandra Rios como emblema capaz de concentrar o lugar de cruzamento de todas estas frentes de discussão. A ida neste rumo já aponta o gosto da diretora/dramaturga por tratar de seus temas de uma maneira não pacífica nem protocolar. A eleição de uma artista de margem e a localização de parte do debate no ambiente de uma ditadura leva de imediato a problematizar as questões da mulher em situação extrema, de exceção. No entanto, mesmo no curto tempo do espetáculo as pontes com o presente são provocativas, e construídas de uma maneira que nos faz ver o lentíssimo processo de politização e de compreensão das questões de gênero como objeto da discussão política.

Guardadas as devidas proporções, ainda sobram entre nós mesmo nos campos de um pensamento de esquerda, os fortes resquícios do tempo em que se considerava que a luta de classes era senão a única tarefa que interessava pautar, ao menos a central, a mais importante, em detrimento do que nas últimas décadas convencionou-se chamar micropolíticas. Pois, estas demandas antes consideradas minoritárias são hoje, pode-se dizer, parte da nervatura mais delicada e mais urgente da “grande política”. Gênero, etnia, raça e a ideia de direitos tornaram-se coisas umbilicais umas às outras.

É este tempo novo e os desejos de representação, de simbolização da condição da mulher o que certamente oportuniza a existência do espetáculo das baianas. Trata-se evidentemente de um exercício, pela brevidade e pela maneira razoavelmente esquemática como os assuntos são abordados. Isto não é, no entanto,



demérito, é apenas uma condição provavelmente definida pelo contexto pedagógico de criação do trabalho. Uma condição muito bem aproveitada pelo grupo. A partir de Cassandra Rios é possível discutir a sexualidade da mulher, a homossexualidade, o amor lésbico, as formas de vigilância, interdição e também o indispensável posicionamento diante de tudo isso. Não é pouco.

Os quadros, apresentados didaticamente como em uma conferência, têm em geral a marca do humor e da ironia, pontuados com lances dramáticos. A encenadora alterna os estados e com o auxílio de projeções ao fundo do palco monta um esquema em que o discurso verbal é apoiado em jogos físicos, enfrentamentos, afetos de várias ordens, de uma maneira que a plateia totalize no curto espaço de tempo da representação uma síntese breve mas complexa sobre os desafios de compreensão desta coisa chamada desejo, e então dos dilemas morais, políticos que ele envolve. Uma bonita montagem, com ponto de vista bem fincado mas não fácil, formalmente não carola, o que é o fundamental para uma cena militante.

Kil.abreu68@gmail.com